

Excursão na Teologia Natural (Parte 21): O Argumento Moral 4/5

Seção 04 / Aula 21

Autor: William Lane Craig

Publicado no YouTube: 01/08/2024, 19:00:03 (horário de São Paulo)

Aula original: 2016-02-24

[Assistir à aula no YouTube](#)

[Acessar o Curso Defensores - Seção 04](#)

Transcrição da versão em português a partir da legenda da aula. Revisão: 20/10/2026.

A segunda premissa do argumento moral

Nós temos falado sobre o argumento moral para a existência de Deus. Eu terminei minha defesa da primeira premissa desse argumento de que se Deus não existe (ou seja, se o ateísmo é verdadeiro), então valores morais objetivos e deveres não existem. Nós analisamos algumas objeções a essa premissa, e eu as respondi da melhor forma que pude. Então, hoje queremos passar para a segunda premissa desse argumento, de que valores morais objetivos e deveres realmente existem. Inicialmente, pensei que esta seria a premissa mais fraca e mais controversa do argumento. Nos meus debates com filósofos ateístas, no entanto, descobri que virtualmente ninguém nega essa premissa. Praticamente todos afirmam que alguns valores morais objetivos e deveres de fato existem.

Na verdade, pode surpreender você saber que pesquisas realizadas em campi universitários indicam que professores universitários são mais propensos a acreditar na objetividade dos valores morais do que os alunos, e que dentre os professores, os professores de filosofia são mais propensos a acreditar na objetividade dos valores e deveres morais do que professores de outras disciplinas! Então, não é verdade que os alunos adquiram seu relativismo dos professores universitários como se pensa comumente. Os professores são mais objetivistas do que os alunos, e entre os professores, os filósofos são os que afirmam que os valores morais e deveres são objetivos da forma mais clara.

Experiência moral e objetividade

Por que isso acontece? Filósofos que refletem sobre nossa experiência moral diriam que, assim como eu acredito nos meus cinco sentidos (que existe um mundo de objetos físicos ao meu redor que estou percebendo) a menos que e até que eu tenha alguma razão avassaladora para desconfiar dos meus sentidos, da mesma forma, na ausência de alguma razão avassaladora para desconfiar da minha experiência moral, eu também deveria aceitar o que minha experiência moral me diz, ou seja, que algumas coisas pelo menos são objetivamente boas ou más, certas ou erradas. Perceba que isso não requer que nossa experiência moral seja infalível ao nos dizer quais valores morais e deveres existem ou que temos. Nossos cinco sentidos também não são infalíveis. O bastão que está dentro do jarro de água parece torto. A estrada parece ter água à distância em um dia quente. Nossos sentidos podem nos enganar.

No entanto, a menos que tenhamos algum tipo de razão avassaladora ou motivo para desconfiar de nossos cinco sentidos, geralmente acreditamos no que eles nos dizem – que existe um

mundo de objetos físicos ao meu redor que percebo. Da mesma forma, podemos crescer em sofisticação moral e apreensão à medida que discernimos certas coisas como sendo certas ou erradas que não percebíamos antes. Eu acho que na história da humanidade houve progresso moral. Mas o que isso pressupõe é que valores e deveres morais objetivos realmente existem que nós apreendemos de forma falível e derrotável. Na ausência de algum tipo de razão avassaladora ou motivo para duvidar da nossa experiência moral, também devemos acreditar que existem valores morais e deveres objetivamente existentes. E eu acho que a maioria de nós reconhece isso. A maioria de nós concordaria que na experiência moral apreendemos um reino de valores e deveres morais que se impõem a nós como objetivamente vinculantes e verdadeiros.

Exemplos e relativismo moral

Por exemplo, alguns anos atrás, eu estava falando em um campus universitário canadense, e notei um cartaz na parede colocado pelo Centro de Informação sobre Violência Sexual. Estava escrito o seguinte: “Violência Sexual: Ninguém Tem o Direito de Abusar de uma Criança, Mulher, ou Homem.” Eu acho que a maioria de nós reconheceria que essa afirmação é verdadeira. O abuso sexual de outra pessoa, ações como estupro ou abuso infantil, não são apenas comportamentos socialmente inaceitáveis — são abominações morais. Algumas coisas, pelo menos, são realmente erradas. Da mesma forma, amor, generosidade e sacrifício pessoal são realmente bons. Pessoas que não conseguem ver isso são apenas moralmente deficientes. Elas são como a pessoa que tem deficiência visual e não consegue distinguir entre vermelho e verde. Não há razão para deixar que sua deficiência nos faça duvidar do que percebemos claramente.

Eu descobri que, embora muitos alunos façam profissão de fé no relativismo, 95% deles podem ser rapidamente convencidos^[1] de que alguns valores e deveres morais realmente existem objetivamente. Tudo o que você precisa fazer é apresentar algumas ilustrações, especialmente aquelas que são adaptadas à pessoa com quem você está conversando, e deixá-las decidir por si mesmas. Por exemplo, você pode perguntar o que elas acham da prática hindu chamada suttee (que era a prática de levar uma viúva, e queimá-la viva na pira funerária de seu marido falecido) ou o que acham do antigo costume chinês de amarrar firmemente os pés de bebês do sexo feminino incapacitando-os para o resto da vida porque queriam fazê-los parecer flores de lótus. Você pode tornar esse ponto ainda mais eficaz ao apelar a exemplos de atrocidades perpetradas em nome da religião. Pergunte o que elas acham das Cruzadas ou da Inquisição.

Pergunte se acham que é certo que padres católicos abusem sexualmente de meninos pequenos e depois que a Igreja tente encobrir isso transferindo o padre para outra diocese. Se você estiver lidando com alguém honesto e não apenas tentando discutir, posso garantir que quase sempre essa pessoa concordará que existem alguns valores e deveres morais objetivos. Agora, é claro, às vezes você pode encontrar pessoas teimosas que vão simplesmente endurecer suas posturas. Mas geralmente sua posição é vista como tão extrema que outras pessoas ficam simplesmente repulsas por isso. Por exemplo, muitos anos atrás eu participei de uma reunião da Sociedade de Literatura Bíblica que apresentou um painel de discussão sobre “Autoridade Bíblica e Homossexualidade.” Todos os participantes endossaram a legitimidade do estilo de vida homossexual. Um dos painelistas descartou as proibições bíblicas contra essa atividade com o argumento de que elas refletem o contexto cultural em que foram escritas.

Como isso é verdade para tudo o que a Escritura diz – afinal, ela não foi escrita em um vácuo – ele concluiu que, “Não existem verdades morais normativas e atemporais na Escritura.” Na discussão que se seguiu, eu apontei que tal visão leva ao relativismo sociocultural que torna impossível condenar uma sociedade que tem valores morais que incluem o abuso e a perseguição de homossexuais. Quem pode dizer que os valores dessa sociedade estão errados? Ele respondeu com um emaranhado de retórica teológica, e então afirmou que também não há lugar fora da Escritura onde possamos encontrar valores morais atemporais. E eu respondi: “Mas isso é exatamente o que queremos dizer por relativismo moral. De fato, na sua visão, não há realmente conteúdo na noção de bondade de Deus. Ele poderia muito bem estar morto.

E Friedrich Nietzsche reconheceu que se Deus está morto, isso leva imediatamente ao niilismo.” Nesse ponto, um dos outros painelistas interveio com a refutação definitiva: “Bem, se você vai ser pejorativo, é melhor nem discutirmos sobre isso!” Então eu me sentei. Mas o ponto não passou despercebido pelo público. O próximo homem que se levantou disse: “Espere um minuto. Estou um pouco confuso. Sou pastor, e as pessoas sempre vêm até mim, perguntando se fizeram algo errado e se precisam de perdão. Por exemplo, não é sempre errado abusar de uma criança?” Eu não conseguia acreditar na resposta do painalista à pergunta desse pastor. Ela disse: “O que conta como abuso difere de sociedade para sociedade. Então, realmente, não podemos usar a palavra ‘abuso’ sem vinculá-la a um contexto histórico.” Bem, o pastor foi insistente. Ele disse: “Chame isso do que quiser, mas abuso infantil é prejudicial às crianças. Não é sempre errado prejudicar crianças?” E ela ainda assim não admitiu!

Esse tipo de dureza de coração acaba por se voltar contra o relativista moral, eu acho, e expõe na mente da maioria das pessoas a falência de tal visão de mundo. Portanto, eu acho que com base na nossa experiência moral, somos justificados em afirmar um reino de valores morais objetivos da mesma forma que com base na nossa experiência sensorial somos justificados em afirmar um mundo de objetos físicos ao nosso redor.

Discussão: crenças básicas e pós-estruturalismo

Alguma pergunta ou resposta a esse ponto? Kate. Kevin, aqui.

Aluno: Minha experiência na Internet ao discutir este argumento é que a maioria das pessoas negará a segunda premissa do argumento. Minha experiência tem sido que eles geralmente fazem isso da mesma forma que negam a existência de Deus – dizendo que não há evidências para a existência de Deus, por isso não acreditamos. Dr. Craig: Sim.

Aluno: E, eu acho que o que estou tentando dizer é, você compararia nossa crença em Deus como sendo propriamente básica (e nossa experiência dele) . . . isso estaria na mesma categoria que nossa experiência moral de valores e deveres morais objetivos? Isso seria algo propriamente básico? Dr. Craig: Exatamente. Estou feliz que você discerniu isso. Isso mostra que você entende o que estávamos falando quando falamos sobre a base propriamente básica da crença em Deus. Não há como provar que você não é um cérebro em um recipiente de produtos químicos conectado com eletrodos por algum cientista louco sendo estimulado a pensar que você está aqui nesta sala ouvindo esta palestra. Não há como provar que você não é um corpo deitado na Matrix habitando uma realidade virtual.

Em vez disso, como eu disse, somos justificados em acreditar no mundo de objetos físicos ao nosso redor com base na nossa experiência do mundo a menos e até que tenhamos algum motivo avassalador para duvidar dessa experiência – para pensar que sou um cérebro em um recipiente ou um corpo deitado na Matrix. Na ausência de tal derrotador avassalador, estou perfeitamente justificado em aceitar o que minha experiência sensorial me diz – que existe um mundo de objetos físicos ao meu redor. Eu diria exatamente a mesma coisa sobre nossa experiência moral. Esta é uma crença propriamente básica fundamentada em nossa experiência de valores e deveres morais, e a menos e até que algum motivo avassalador me seja dado para pensar que essa experiência é totalmente ilusória, estou justificado em pensar que existem valores e deveres morais objetivos.

Aluno(a): Isso não poderia ser mais oportuno porque esta semana estou escrevendo uma refutação ao pós-estruturalismo. Eu sou a única pessoa em todo o grupo que realmente pensa que existe uma base para a crença! Tenho uma suspeita de que serei atacado(a) nos próximos dias. Uma das coisas que escrevi na minha postura contra o pós-estruturalismo é que a única verdade que os pós-estruturalistas reconhecem é opressão, marginalização e corrupção do poder. No entanto, pela sua própria definição flutuante de verdade, eles devem deixar aberta a possibilidade de que as pessoas só são marginalizadas porque percebem as palavras e ações dos outros como opressivas. Isso, é claro, é ridículo. Se, no entanto, opressão e marginalização são verdades reais e tangíveis então deve haver verdades certas e reais. Então, orem por mim esta semana! Dr. Craig: OK. Ótimo! Sim. Ótimo. Algum outro comentário ou pergunta sobre este ponto? Tudo bem.

Evolução e falácia genética

Bem, agora surge a questão: Temos algum motivo avassalador para desconfiar da nossa experiência moral? Para pensar que somos vítimas de uma ilusão gigantesca? Algumas pessoas afirmaram que a explicação sociobiológica das origens da moralidade mina nossa experiência moral. Agora, lembre-se, de acordo com essa explicação, nossas crenças morais foram inculcadas em nós pela evolução biológica e condicionamento social. Isso nos dá motivo para desconfiar de nossa experiência moral de que existem valores e deveres morais objetivos? A explicação sociobiológica claramente não faz nada para minar a verdade de nossas crenças morais. Pois a verdade de uma crença é independente de como você chegou a sustentar essa crença. De fato, essa objeção parece ser um exemplo clássico do que é chamado de falácia genética, que é tentar invalidar o ponto de vista de uma pessoa ao mostrar como essa pessoa chegou a sustentar esse ponto de vista.

Por exemplo, alguém pode tentar incriminar sua crença de que a democracia representativa é a melhor forma de governo dizendo “a razão pela qual você acredita nisso é porque você nasceu nos Estados Unidos. Mas se você tivesse nascido em outro país, você teria sustentado outra crença.” Isso é a falácia genética – tentar invalidar a verdade de uma crença mostrando como a pessoa chegou a sustentá-la. Você pode ter adquirido suas crenças morais através de um biscoito da sorte ou através de leitura de folhas de chá, mas elas ainda podem ser verdadeiras. Em particular, se Deus existe, então valores e deveres morais objetivos existem independentemente de como chegamos a conhecê-los. A explicação sociobiológica (ou como é às vezes chamada de explicação evolucionária-psicológica) na melhor das hipóteses prova que nossa percepção de valores e deveres morais evoluiu.

Mas se os valores e deveres morais são gradualmente descobertos, em vez de inventados, então nossa apreensão gradual e falível do reino moral não mina mais a objetividade desse reino do que nossa apreensão gradual, falível do reino físico mina a objetividade do mundo físico. Portanto, tomada como uma objeção à verdade da premissa (2), isso simplesmente comete a falácia genética.

Discussão: verdade, valor e responsabilidade

Algun comentário ou pergunta sobre essa resposta? Sim, Cody.

Aluno(a): Estou pensando que talvez uma forma de contornarem a parte da falácia genética é... você sabe que existe o argumento evolucionário contra o naturalismo de Alvin Plantinga. Isso não é uma falácia genética. Mas ali ele tenta mostrar que se você acredita na evolução, você acredita que foi assim que suas faculdades cognitivas evoluíram, então você tem um bom motivo para duvidar de todas as suas outras crenças. E se eles tentarem fazer isso com relação a isso? Eu só queria fazer um comentário. Acho engraçado que as mesmas pessoas que trazem essa objeção, aliás, dirão que isso mina nossas intuições morais, mas de alguma forma não mina o resto de nossas faculdades cognitivas. Dr. Craig: Sim. Isso é apenas hipocrisia, não é? OK, seu ponto é excelente e servirá de transição para o próximo ponto que irei abordar.

Mas vamos ver se há algum outro comentário sobre esse ponto primeiro, que na medida em que essa objeção é destinada a minar a verdade da premissa (2), ela comete a falácia genética e realmente não faz nada para minar a verdade. Que valores e deveres morais objetivos existem. Sim? Uma pergunta aqui.

Aluno(a): É interessante quando falamos sobre a existência de verdades morais objetivas e se existe um Deus, porque parece expor, eu acho, uma certa parte da natureza humana que queremos ter o privilégio de ter nossas vidas objetivamente significativas, mas ao mesmo tempo não queremos ser responsáveis a um poder superior quando realmente não podemos ter as duas coisas porque somente a existência de um poder superior pode garantir que nossas vidas tenham valor objetivo. Então, não podemos ter o privilégio de ter uma vida significativa sem a responsabilidade das obrigações morais envolvidas nisso. Dr. Craig: Concordo com você 100%. O que essas pessoas teriam que dizer é que não apenas as vidas de outras pessoas são moralmente sem valor, mas que suas próprias vidas são moralmente sem valor, e que outras pessoas estão livres para tratá-las como quiserem – tratá-las como lixo, persegui-las, abusá-las – e nenhum protesto moral poderia ser levantado. E eu acho que você está certo ao dizer que isso não é como as pessoas querem viver.

Elas reconhecem seu próprio valor, pelo menos, e que tal atividade seria errada.

Aluno(a): Apenas para adicionar a esse bom ponto – Ravi Zacharias diz que se você é verdadeiramente um ateu, essa é uma vida que é verdadeiramente desprovida de significado, propósito, e esperança em última análise. A primeira pergunta a fazer aos estudantes universitários, ou a qualquer outra pessoa, se disserem que são ateus, é dizer: “Por que você está aqui?” Você vai ser médico? Quem se importa. Dr. Craig: Em certo sentido, essa era a primeira premissa do argumento. Você se lembrará que eu compartilhei que inicialmente, quando estava falando em campi universitários, eu só falava sobre aquela primeira premissa – que se não há Deus, então, em última análise, nossas vidas são absurdas. Elas não têm

significado, valor ou propósito últimos. Mas então os alunos começaram a responder dizendo: “Mas existem coisas que são valiosas e boas e assim por diante.” E me dei conta que eles tinham suprido essa premissa ausente em um argumento moral para Deus.

Como eu disse, eu acho que a maioria das pessoas aceitará a verdade da premissa (2) se você apenas investigar um pouco e usar exemplos contundentes com elas.

Evolução e justificação moral

Bem, vamos continuar dizendo que talvez a objeção sociobiológica – ou a objeção da psicologia evolucionária – não seja destinada a minar a verdade de nossas crenças morais, mas sim nossa justificação para sustentar tais crenças. Se suas crenças morais fossem baseadas na leitura de folhas de chá, elas poderiam acidentalmente se revelar verdadeiras, mas você não teria qualquer justificativa para pensar que elas são verdadeiras. Então, você não saberia que elas são verdadeiras. Da mesma forma, a objeção aqui poderia ser que se nossas crenças morais foram produzidas pela evolução, então não podemos ter confiança na verdade dessas crenças. Por quê? Porque a evolução visa meramente à sobrevivência, não à verdade. Nossas crenças morais são selecionadas por seu valor de sobrevivência. Os mais aptos são os que sobrevivem. Se ter crenças morais for propício à perpetuação da sua espécie, então essas crenças morais serão selecionadas no processo de evolução.

E como a evolução visa apenas a sobrevivência, não à verdade, não podemos confiar em nossa experiência moral. Portanto, não podemos saber que a premissa (2) do argumento é verdadeira. E essa é a objeção que foi sugerida há pouco. A objeção não é dirigida à verdade da premissa (2), mas à sua justificação para acreditar na premissa (2). Minha afirmação é que somos justificados em acreditar na premissa (2) com base na nossa experiência moral a menos e até que tenhamos algum derrotador avassalador dessa experiência assim como somos justificados em acreditar que existe um mundo de objetos físicos ao nosso redor com base na nossa experiência sensorial a menos e até que tenhamos um derrotador avassalador dessa experiência. Agora, tal derrotador teria que mostrar não apenas que nossa experiência moral é falível ou derrotável, mas que ela é totalmente não confiável – que não podemos apreender nenhum valor e dever moral objetivo.

Nossa experiência moral é tão poderosa, no entanto, que tal derrotador teria que ser incrivelmente poderoso para superar nossa experiência moral da mesma forma que nossa experiência sensorial é tão poderosa que um derrotador da minha crença no mundo de objetos físicos que percebo teria que ser incrivelmente poderoso para que eu acreditasse que poderia ser um cérebro em um recipiente de produtos químicos ou um corpo deitado na Matrix. Mas como Louise Antony, uma filósofa atea, colocou em nosso debate sobre os fundamentos dos valores morais, qualquer argumento de ceticismo moral será baseado em premissas que são menos óbvias do que a existência de valores e deveres morais objetivos em si. Ou seja, qualquer argumento para ceticismo moral dependerá de premissas que são menos óbvias do que a premissa (2) do argumento moral, e, portanto, nunca poderia ser justificado.

Três respostas à objeção evolucionária

Então, qual é então esse suposto derrotador poderoso da premissa (2) que mostra que minha experiência moral é totalmente não confiável? É apenas que nossas crenças morais são o resultado do desenvolvimento evolucionário, e, portanto, visam à sobrevivência, não à verdade? Isso é toda a objeção? Se é isso, precisamos nos perguntar qual é a evidência para isso? E, de fato, não há evidências convincentes de que nossas crenças morais sejam produtos da evolução biológica.

Em uma pesquisa complexa da literatura^[3] sobre esse tópico do biólogo Jeffrey Schloss, Schloss examina trabalhos contemporâneos sobre teorias evolucionárias da moralidade e ele relata: “não apenas carecemos atualmente de uma explicação evolucionária totalmente adequada da moralidade, mas as inúmeras explicações que temos também são díspares e muitas vezes são representadas por exegetas proeminentes como tendo resolvido questões que ainda estão em disputa.” Em outras palavras Schloss está dizendo que essas explicações oferecidas pela psicologia evolucionária são mutuamente contraditórias e que os proponentes dessas teorias estão fazendo afirmações que, de fato, não podem sustentar. Em correspondência pessoal, Schloss elaborou: “O argumento evolucionário de desmistificação [...] assume que as crenças morais são de fato adequadamente explicadas pela seleção natural [...] não há dúvida de que elas não são.

Disposições em relação a certos comportamentos [...] [reciprocidade, cuidado parental, etc.] têm explicações evolucionárias bastante convincentes. Mas [...] não temos, na verdade, uma proposta evolucionária plausível para as crenças morais associadas a esses comportamentos. Fiz uma revisão bastante recente da literatura [...] e não consigo encontrar nenhuma explicação coerente para as crenças morais ou até mesmo para as intuições normativas.” No entanto, como é fácil permitirmos que o crítico evolucionário escape apenas com gesticulações e generalizações ao tentar minar a veracidade da nossa experiência moral. O derrotador poderoso da nossa experiência moral da premissa (2) simplesmente não existe. Em segundo lugar, além disso, a afirmação de que, porque nossas crenças morais evoluíram, elas têm como objetivo a sobrevivência, não a verdade, pressupõe o ateísmo. Pois, se Deus existe, então, plausivelmente, nossas crenças morais, embora evoluídas, serão geralmente confiáveis.

Deus desejaria que tivéssemos crenças morais geralmente confiáveis. O derrotador pressupõe que o naturalismo seja verdadeiro. E isso incorre em petição de princípio em favor do ateísmo. Somente assumindo que o ateísmo e o naturalismo são verdadeiros é que nossas crenças morais têm como objetivo a sobrevivência em vez da verdade. Na verdade, o crítico evolucionário da nossa experiência moral é quem tem o ônus da prova aqui para apresentar um derrotador poderoso o suficiente para nossa experiência moral. Então, ele precisa provar que nossas crenças não têm como objetivo a verdade se forem evoluídas, e isso obviamente não é o caso se Deus existe. Você tem que pressupor o ateísmo para que esse argumento tenha algum fundamento, e isso é uma petição de princípio. Finalmente, a objeção acaba sendo autodestrutiva. No ateísmo e naturalismo, todas as nossas crenças, não apenas nossas crenças morais, são produto da evolução e do condicionamento social. Assim, a explicação evolucionária levaria ao ceticismo sobre o conhecimento em geral.

Mas isso é autodestrutivo, pois então deveríamos ser céticos quanto à própria explicação evolucionária, uma vez que ela também é produto da evolução e do condicionamento social!

Portanto, a objeção se destrói. Isso, como alguém mencionou anteriormente, é o argumento evolucionário de Alvin Plantinga contra o naturalismo – o naturalismo tem um derrotador embutido. Ou, se nossas crenças têm como objetivo a sobrevivência em vez da verdade, então o naturalista não pode ter confiança na verdade do naturalismo. Portanto, essa objeção minaria não apenas nossas crenças morais, mas todas as nossas crenças, incluindo a crença no naturalismo e no ateísmo. Parece-me que, dada a justificativa para a premissa (2) fornecida pela nossa experiência moral, somos justificados em pensar que existem valores e deveres morais objetivos.

Discussão: experiência e objeto

Algun comentário ou discussão sobre isso, objeção da psicologia evolucionária à nossa justificação para nossas crenças morais?

Aluno(a): Vou ter que simplificar isso um pouco. Premissa (1) se Deus não existe, valores morais objetivos não existem. Premissa (2) – valores morais objetivos existem. Premissa (3) – portanto, Deus existe, certo? Dr. Craig: Certo – (3) é a conclusão, não uma premissa.

Aluno(a): Agora estamos falando da (2). Certo? Dr. Craig: Sim.

Aluno(a): ok Pessoalmente, não estou convencido(a) de que valores morais objetivos realmente existam. O argumento, então, para mim, não parece... se valores morais objetivos não existem, eu não concluo que “Deus não existe.” Não é um argumento significativo para mim. Posso ver que valores morais objetivos não existem e ainda assim acreditar que Deus existe. Dr. Craig: Oh, realmente?

Aluno(a): Sim. Dr. Craig: Como você poderia afirmar que Deus existe e que valores morais objetivos não existem, quando um dos atributos essenciais de Deus é a bondade?

Aluno(a): Eu acho que a moralidade é, por definição, subjetiva, não objetiva. Embora eu saiba que falamos nas semanas anteriores sobre o argumento dos nazistas e todas essas coisas, mas o fato é que para nós nesta sala olharmos para trás e dizer que, mesmo se eles tivessem vencido, ainda achamos que é errado, ainda é minha experiência subjetiva. Isso não é evidência para mim de que há moralidade objetiva. Eu não concluo que porque não há moralidade objetiva, então não há Deus. Mas eu entendo. Dr. Craig: Você apenas quer minar nossa justificativa ou, parece-me, você está dizendo que até mesmo a verdade da premissa (2).

Aluno: Sim, mas acho que a premissa (2) é o meu problema. Dr. Craig: Não entendi.

Aluno(a): A verdade da premissa (2) é o meu problema. Dr. Craig: Novamente, aqui vou me distanciar do argumento e apenas dizer que, se você acredita em Deus, você está comprometido com a verdade da premissa (2) porque Deus tem como um atributo essencial a bondade. Deus, por definição, é um ser digno de adoração, e nada seria digno de adoração se não fosse bom. Portanto, todo teísta está comprometido com a objetividade do valor moral porque acredita na bondade de Deus. Isso não vai salvar o argumento, mas eu só quero falar com você como uma irmã em Cristo que, se você acredita que Deus existe, você deve acreditar na objetividade dos valores morais. Você não acredita que Deus é bom?

Aluno(a): Sim, sim. Dr. Craig: Se você o adora, você deve acreditar nisso. Caso contrário, como você poderia adorar algo que não acha que é bom? Então, como cristã, você está comprometida

com a verdade da premissa (2). Mas você pode talvez desempenhar o papel do ateu e dizer: “Tudo bem. Eu acredito na premissa (2), mas, como um argumento para o teísmo, isso não é muito bom, porque eu, interpretando o advogado do diabo como ateu, não acho que a premissa (2) seja verdadeira.” Mas eu já respondi a isso. Michele, como eu disse, se você acredita no mundo de objetos físicos ao seu redor com base na sua experiência sensorial, você tem exatamente o mesmo tipo de razão para acreditar em um reino de valores e deveres morais objetivos porque você tem uma experiência desse reino. A menos e até que você tenha algum derrotador avassalador dessa experiência, você está justificado em acreditar nela assim como está justificado em acreditar no mundo externo.

Aluno(a): Você está usando a palavra “objetivo” e a palavra “experiência” – para mim, a palavra “experiência” me tira do objetivo e me leva para o subjetivo. Essa é minha experiência subjetiva. Dr. Craig: Ah, OK. Sim, ouvi outras pessoas dizerem algo assim e acho que isso é baseado em uma confusão. Obviamente, minha experiência é subjetiva. Certo? Isso é o que experiência é! Mas o objeto da experiência não é, portanto, subjetivo. Se eu tenho uma experiência do mundo externo, isso não torna o mundo externo subjetivo. Se eu experimento Ben Jones, isso não torna Ben Jones um produto da minha consciência, mesmo que minha experiência de Ben Jones seja minha experiência e seja subjetiva. Agora, espere, e da mesma maneira, exatamente da mesma maneira, digamos que eu tenho uma experiência de dor. Isso é obviamente subjetivo. Certo? Uma experiência de dor é minha experiência interna. Eu tenho uma experiência de dor. Mas isso não nega a verdade objetiva, “Ele está com dor”.

Alguém enfiou uma faca em sua perna e está torcendo-a e olhe para ele – ele está se contorcendo e gritando. É obviamente verdade que ele está objetivamente com dor, mesmo que sua experiência seja subjetiva. Portanto, é claro que nossa experiência de tudo é subjetiva porque é experiencial. Mas o objeto da experiência pode ser objetivo. E eu diria que é isso que são valores e deveres morais.

Aluno(a): Vamos usar uma analogia que seja um pouco menos física, médica, e um pouco mais abstrata. Porque estamos falando não sobre lesões ou dor, mas mais sobre crenças. O exemplo que vem à minha mente é a Terra plana. Por muitos, muitos séculos^[2], a crença comumente aceita era que a Terra era plana. Muitas pessoas – poderíamos levá-lo ao topo da montanha e você poderia ver a borda. Então, havia apoio evidencial para essa crença. Objetivamente, o mundo era redondo, quer acreditássemos que era plano ou não. Dr. Craig: Bom. Fico feliz que você pense assim.

Aluno(a): A questão é, no entanto, que isso não leva a nenhuma conclusão para mim que... como você sabe... Dr. Craig: E eu me pergunto, Michele, você não acredita que a Terra é redonda?

Aluno(a): Eu acredito. Dr. Craig: Ela é esférica, não é? Eu suponho que você acredita nisso com base em evidências, certo?

Aluno(a): Certo. Dr. Craig: Então, com base nas evidências, você acha que essas pessoas no passado estavam erradas no que diziam. Elas estavam objetivamente erradas. A Terra é objetivamente esférica. Mesmo que sua experiência disso seja subjetiva. Você tem uma experiência subjetiva das evidências – você as vê e assim por diante. Mas você acredita que a Terra é redonda. A subjetividade da sua experiência não significa que o fato em que você

acredita seja subjetivo. Por que não é igualmente objetivamente verdadeiro dizer que torturar uma menina e estuprá-la é errado como dizer que a Terra é redonda?

Aluno(a): Entendi

Discussão final e bênção

Dr. Craig: Brad. Ok.

Aluno(a): Seu último ponto – você fez um ponto e eu só queria explorá-lo um pouco a crença de que as forças evolucionárias nos levaram a essas coisas, que se nossas crenças são baseadas na sobrevivência em vez da verdade. Vou te fazer uma pergunta. O que é verdade?

Provavelmente não deveria colocar dessa forma. Dr. Craig: A verdade é a propriedade de uma proposição que corresponde ao mundo como ele realmente é.

Aluno(a): Então, se as forças evolucionárias dizem que vou continuar a estrutura do animal humano e, ao fazer isso, matamos crianças que são fracas e as comemos ou quaisquer outras coisas que sejam repugnantes para nós, mas que resultam em mais sobrevivência e protegem a Terra. Devemos matar um terço da população porque a Terra é importante e precisamos ter um ambiente sustentável. Eu ouço isso o tempo todo. Isso seria verdade, e como argumentamos contra essa verdade (se for) com base em nossos valores morais objetivos e dizer, "Sim, isso pode proteger a Terra, mas isso é contra minha estrutura moral objetiva." Dr. Craig: Seria objetivamente moralmente errado fazer isso.

Aluno(a): Então eu sei que essa não é uma boa pergunta, mas eu... Dr. Craig: Bem, ninguém está afirmando – nem mesmo os ateus – que você pode simplesmente deduzir valores morais do processo evolucionário. A natureza é cruel e cheia de violência, então ninguém afirma que tudo o que ajuda você a sobreviver é bom, porque muitas coisas são violentas e erradas. Portanto, não há alegação de que a evolução nos ensina o que é certo e errado. A questão que estamos explorando é se minha experiência moral de certo e errado, bem e mal é minada pelo fato de que os valores morais evoluíram – ou minha percepção de valores morais evoluiu ao longo do tempo. Eu dei três respostas a isso Deixe-me apenas revisar essas três respostas antes de concluirmos hoje. A primeira resposta é que, de fato, não há uma explicação completa na literatura. Não há uma explicação coerente ou convincente reconhecida pelos biólogos que explicaria como as crenças morais ou as crenças normativas surgem da evolução biológica.

O segundo ponto é que isso só minaria a objetividade dessas crenças se o ateísmo fosse verdadeiro, porque só se o naturalismo for verdadeiro é que nossas crenças seriam moldadas pelo valor de sobrevivência e não pela verdade. Então, o argumento parte do princípio que o ateísmo é verdadeiro. O terceiro argumento foi que, se essa objeção for verdadeira – se isso minaria nossas crenças morais –, então isso mina tudo o que acreditamos, porque todas as nossas crenças então são selecionadas pela evolução para a sobrevivência, não para a verdade. Mas, se tudo o que acreditamos é injustificado, então a crença na própria explicação evolucionária é injustificada. Então, é inerentemente uma objeção autodestrutiva. Tudo bem, bem, podemos retomar essa discussão na próxima vez. Mas estamos sem tempo agora. Então, vamos encerrar com uma palavra de oração e uma bênção.

E agora, que o Deus do amor, que enviou o Senhor Jesus Cristo por nossa causa como pecadores e inimigos de Deus, encha seus corações com amor, mesmo por aqueles que se

opõem a você, ridicularizam você e perseguem você. E assim cumpra a imagem de Cristo em você. Em nome de Jesus, amém.

Referências

Nota166: in Hilary Putnam, Susan Nieman, and Jeffrey Schloss, eds., *Understanding Moral Sentiments: Darwinian Perspectives?* (Piscataway, N.J.: Transaction Publishers, 2014), p.83. Grafia Nieman conservada conforme fonte.

Nota167: Jeffrey Schloss to WmLC, Sept17,22,2015.

A aula refere debate com Antony e argumento evolucionário de Plantinga sem dados editoriais completos; não se completaram títulos/edições por inferência.

Notas editoriais da revisão

[1] [Certo: PDF p.186] Percentual apresentado como experiência pessoal de Craig, distinto das pesquisas mencionadas anteriormente. Não foi convertido em resultado estatístico nem atualizado.

[2] [Certo: PDF p.194 e EN local] A afirmação da aluna sobre a crença histórica em Terra plana foi preservada como fala dela; não foi adotada como afirmação editorial nem corrigida silenciosamente.

[3] [Certo: PDF p.191] A caracterização e a avaliação da literatura pertencem à aula original de 2016. Referências e datas da correspondência de Schloss estão preservadas na bibliografia.

Créditos e fontes

Autoria: William Lane Craig. Publicação original: Reasonable Faith.

Conteúdo original: © 2016 William Lane Craig.

Tradução e edição em português: Fé Razoável. Revisão: 20/10/2026.

Fonte original: <https://www.reasonablefaith.org/podcasts/defenders-podcast-series-3/s3-excursus-on-natural-theology/excursus-on-natural-theology-part-21>

Aula em português: <https://ferazoavel.com.br/defensores-teologia-natural-parte-21/>